

NARRATIVAS DE MULHERES NORDESTINAS EM SÃO PAULO: AGÊNCIA, EXPERIÊNCIA E RESISTÊNCIA¹

Marilda Aparecida de Menezes²

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar as experiências das mulheres da região Nordeste que migraram para a região do ABC Paulista e Vila Arapua, que se situa na divisa entre São Caetano do Sul e São Paulo. Serão analisados casos de mulheres que migraram sozinhas, com os maridos ou outros membros da família. Fundamentaremos nossa análise nas noções de agência, experiência e resistência cotidiana. Compreendemos que o conceito de agência pode ser um instrumento heurístico para analisar como as mulheres narram sobre suas experiências no contexto dos constrangimentos das posições de classe, gênero e outros demarcadores identitários e como “tratam” essas condições em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras. Nossa perspectiva é compreender tanto as relações de dominação e opressão quanto as formas de resistência cotidiana.

A metodologia é a história oral, analisaremos entrevistas semi-estruturadas com duas mulheres de áreas rurais da região Nordeste que migraram na década 1970 para São Paulo, realizadas em diversas pesquisas no período de 2012 a 2019. Considerando que não só as experiências são sexuadas como também as memórias, analisaremos as narrativas das mulheres sobre migração, trabalho, as ambiguidades e tensões na família e as relações com os homens – pais, padrastos, namorados, maridos e com as mulheres – mães, sogra, filhas e amigas.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático 06- História oral e gênero: possibilidades teóricas e práticas durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo", São Paulo, EACVH-USP, 13 a 15 de junho de 2023. Financiamento: CNPq, Bolsa PQ 1C

² Profa. Colaboradora, PPGCS – UNICAMP; Profa. Colaboradora PCHS-UFABC; PhD em Sociologia- University of Manchester; Pos-Doc Yale University e UNICAMP, menezesmarilda@gmail.com

Introdução

As décadas de 1950 a 1980 foram marcadas pelo intenso fluxo migratório interno no Brasil, como já fora catalogado em pesquisas tais como as de Lopes (1971, 1976), Durham (1976), Menezes (1985), Garcia Jr. (1989). Na sua maioria, eram camponeses (pequenos proprietários, morador, rendeiros, foreiros) provenientes de áreas rurais e que se tornaram operários das indústrias de diversas atividades e do setor de serviços. A partir da década de 1980, constatou-se uma diminuição da migração para as regiões metropolitanas de São Paulo e um aumento da chamada “migração de retorno” para municípios da região Nordeste (Souza, 2015). Observamos, também, um crescimento da migração temporária de homens, especialmente os jovens de 18 a 29 anos, que partem todos os anos para trabalharem em safras agrícolas, como o corte de cana de açúcar no Estado de São Paulo (Menezes, 2015; Menezes, 2012). Migrar significa deslocar-se nos espaços que são não apenas físicos, mas sociais (Sayad, 1998; Menezes, 2014). Ao invés dos modelos de deslocamentos de população, compreendemos a migração como um processo social e os (as) migrantes como agentes deste processo, que atinge os (as) que partem e os (as) que ficam nas suas localidades. Não se trata apenas de um processo econômico ou demográfico de transferência de mão de obra e população de um estado a outro, mas é um fenômeno social total que inclui experiências e projetos de vida individuais e familiares e podem ser examinados por diversas disciplinas como sociologia, antropologia, demografia, história, psicologia e outras (Sayad, 1998:15). Migrar diz respeito não apenas aos indivíduos, mas às necessidades e projetos da família (Durham 1978: 130; Menezes, 2012b, 2002, 1985; Fontes, 2008; Assis e Kosminsky, 2007).

Embora a atuação das mulheres seja reconhecida como importante nas migrações internas e internacionais, há uma certa invisibilidade de sua própria experiência enquanto migrantes (Assis e Kosminsky, 2007). Elas aparecem mais como coadjuvantes da migração dos homens (Martins, 2014). A migração de mulheres sozinhas, solteiras ou separadas sempre existiu, no entanto, havia uma certa invisibilidade sobre essas personagens ao se privilegiar uma atenção à migração dos homens e da família.

A partir da década de 1990 começa a ter maior visibilidade a migração das mulheres, tanto nos fluxos internos no Brasil quanto internacionais. Assis e Kosminsky (2007, p.696) nos alerta que o importante não é a quantidade e proporção das mulheres, mas sim “considerar como os discursos e as identidades de gênero se redefinem nesses processos”.

A proposta nesse artigo é analisar a experiência das mulheres da região Nordeste que migraram sozinhas, com maridos ou outros membros da família, para a região do ABC e Vila Arapua, São Paulo. Nos fundamentaremos nas noções de agência, experiência e resistência cotidiana. O conceito de agência e experiência é fundamentada no historiador social E.P. Thompson (1981, p.182), o qual critica as teorias estruturalistas que atribuem um papel secundário à ação de homens e mulheres, tratando-a como mero resultado de determinações estruturais. Thompson propõe uma metodologia de análise em que os homens e mulheres reais possam ser apreendidos como agentes históricos, cujas ações, práticas, modos de pensar, valores, são constituintes dos processos sociais. Mesmo considerando que as relações de gênero não foram incorporadas por ele, algumas autoras reconhecem a contribuição significativa de sua proposta teórico-metodológica para compreender as relações de gênero, como mostramos no fragmento abaixo:

“Apesar das críticas que as historiadoras feministas endereçaram aos historiadores marxistas por não terem dado a devida atenção às mulheres e às relações de gênero no processo de constituição da classe operária, não se pode esquecer que grande parte da historiografia que problematizou a participação política das mulheres foi produzida à sombra da obra de Thompson” (Martins, 1997/98, p.136)

Entre várias pesquisadoras das relações de gênero que mobilizam os conceitos de Thompson, mencionamos aqui Souza-Lobo (1989 (2011), p.81):

“Utilizei aqui o conceito de experiência tal como definido por E.P. Thompson: “resposta mental e emocional seja de um indivíduo ou de um grupo social a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (Thomson, 1981, p.15). O conceito parece-me adequado na medida em que permite articular trajetórias e representações das operárias, quebrando a dicotomia objetividade-subjetividade, que me parece levar sempre a um impasse, tanto nas pesquisas que trabalham com histórias de vida quanto naquelas que se pretendem “objetivas” e, por conseguinte, capazes de separar a experiência real do imaginário vivido, a objetividade dos acontecimentos da subjetividade em que são vividos”

Considerando que as relações entre mulheres e homens são de poder, assimétricas, compreendemos que a perspectiva de Thompson contribui para compreender a capacidade das mulheres em atuarem como agentes sociais com autonomia de ação e pensamento no contexto das relações de poder em que estão envolvidas, o que questiona seu lugar como submissas, passivas, conformadas face aos que exercem dominação (Martins (1997/8, p.141).

Nossa perspectiva neste artigo é compreender tanto as relações de dominação e opressão quanto as estratégias de luta e resistência. Por resistência compreendemos uma multiplicidade de ações, modos de pensar, que são tecidas no cotidiano. O cientista político e antropólogo James C. Scott, que se dedica a pesquisas sobre as formas de resistência dos camponeses no sudeste Asiático, nos diz:

“Estas formas brechtianas de luta de classes têm certos traços em comum. Elas requerem pouca ou nenhuma coordenação ou planejamento; elas sempre representam uma forma de auto-ajuda individual e, geralmente, evitam qualquer confrontação direta, simbólica com autoridade ou com normas da elite. Entender estas formas de resistência comum é entender seus interesses da melhor forma possível” (Scott, 1985: 29)

Compreendemos que a proposta teórico-metodológica de James Scott ao analisar diversas formas de resistência, tanto a tecida nas interações cotidianas, que se expressa de forma difusa, invisível, fragmentada, não organizada institucionalmente, quanto as coletivas, públicas e organizadas, é um instrumental potente para compreendermos como as mulheres lidam com as situações de dominação (Scott, Parry, 2010, p. 19; Santos, 2019, p.78)

. Este artigo utilizará entrevistas semiestruturadas com duas mulheres migrantes da região Nordeste que migraram para a região do ABC Paulista e Vila Arapua, São Paulo na década de 1970. A pesquisa é fundamentada na metodologia da história oral e foi realizada no período de 2012 a 2019. Estruturamos o artigo a partir das narrativas de cada mulher sobre suas experiências de migração, as atividades profissionais, as redes sociais, a relação com pai, padrasto, mãe e marido.

Considerando que não só as experiências são sexuadas como também as memórias (Piscitelli, 1993; Thibes et al, 2018), analisaremos as narrativas das mulheres sobre migração, trabalho, as ambiguidades e tensões na família e as relações com os homens – pais, padrastos, namorados, maridos e outros de suas redes de relações.

Roberta, nasceu em 04 de setembro de 1957, é filha de agricultores do Sertão de Cajazeiras, Paraíba, tem ensino fundamental completo, migrou para São Paulo em 1975, com 18 anos. Estava no segundo casamento, tendo 2 filhos do primeiro casamento, nas idades de 33 e 30 anos, ambos casados. Todos esses dados se referem à data da entrevista realizada em 27 de Abril de 2015, quando ela tinha 57 anos.

Aos 18 anos, em 1975, uma amiga a chamou para vir para São Paulo. Ela decidiu migrar mesmo não tendo necessidade econômica, pois tinha um emprego na prefeitura como

professora. Seu pai, não concordou, mas não a proibiu, atribuindo à ela toda a responsabilidade sobre a decisão, dizendo-lhe que não o culpasse, caso sua vida não desse certo em São Paulo:

“Pense! eu tinha trazido algum dinheiro, mas que não ia dar para muita coisa, porque o meu pai falou pra mim... meu pai falou dessa maneira...olha eu nunca esqueci, 50 anos quase e eu nunca esqueci o que o meu pai falou assim: “você vai, minha filha, contra a minha vontade, mas eu só quero te pedir uma coisa: se um dia você se arrepender nesse tal de São Paulo, não culpa o seu pai. Não culpa”. Falei: “Tá bom, pai. O senhor pode ter certeza que eu nunca vou culpar o senhor por isso. O senhor pode ter certeza que eu nunca vou culpar o senhor por isso. Porque eu estou indo de livre e espontânea vontade”. E aí vim com a cara e a coragem, sem conhecer nada e nem ninguém, sem parente e sem aderente”

Em vários momentos, Roberta se emociona ao lembrar desses fatos, relata com tristeza a não aprovação do pai de sua decisão de migrar para São Paulo. Isso gerou ruptura nas relações com o pai e a família por um certo tempo. Ela migrou em 1975 e até o momento da entrevista em 2015, passados 40 anos, não havia retornado para visitar os pais, apenas os encontrou quando eles estiveram em São Paulo. Estamos lidando com narrativas construídas pelo trabalho da memória, em que se ressignifica as experiências passadas a partir do presente. Assim, não é propriamente a expressão dos fatos como aconteceram no passado (Halbwachs, 1990; Bosi), nos termos de Rosenthal (2014), trata-se da história narrada e não da história vivida. Revisitar o passado a partir das experiências do presente, ou seja, após uma trajetória de vida marcada por sofrimento, lutas, conquistas, expressa incerteza, arrependimento, sofrimento e ressentimentos por ter contrariado a vontade do pai. As frases incompletas são seguidas por uma construção de si como uma menina que tinha uma boa condição socio-econômica e prestígio local, ou seja, não tinha necessidade que justificasse migrar.

Relata sobre as dificuldades que enfrentou de moradia e trabalho. Morou inicialmente em uma pequena casa, de um quarto e cozinha, da mãe da amiga, na Vila Arapua. Com um mês conseguiu emprego em uma metalúrgica, Metalfrio, onde a amiga trabalhava. Ter o ensino fundamental facilitou a entrada na indústria. Após três meses, não estava dando certo de continuar nessa moradia e ela resolve pedir demissão da empresa. Descobriu uma tia que morava no Bairro Santana e foi morar com ela. Encontrou outro emprego em uma gráfica. Com seis meses, avaliou que não dava certo, porque o marido da tia queria controlar sua vida.

Após dois anos conhece seu primeiro marido, com quem teve dois filhos. Relata com detalhes a atitude de dominação e desrespeito do marido e como ela enfrentou diversas situações, de modo a garantir sua dignidade

Roberta: Dois anos que eu estava aqui em São Paulo, eu conheci o pai dos meus filhos. Casei. Casei não! Primeiro eu fui morar junto com ele, né, engravidei do meu filho mais velho que hoje, para a honra e glória do Senhor, hoje está casado e na casa dele, tem 33 anos. E ele me enganou, me enganou! Você sabe, né, a pessoa quando vem da Paraíba, do Norte assim, nortista não tem... Eu não era de balada, eu não era de festa, não era de bebezão, eu não era de vício nenhum, eu não tinha... Nem fumar eu não fumava, cigarro normal. E aí, ele comigo, namorando tudo bonitinho, direitinho, né, e meu pai era daquelas pessoas muito, muito conservadora, entendeu? Que a filha tinha que casar bonitinho, namorar junto e casar. E aí pense, eu fui morar junto com ele antes de me casar, porque ele me enganou.

Aí ele alugou um quarto lá, um quarto com cozinha. Antes de eu engravidar, eu já tinha saído dessa MetalFrio e já tinha arrumado aqui, onde era nas Antigas Persianas Columbia. Ainda bem que eu trabalhava registrada. Aí ele começou a encrencar que eu tinha de sair do emprego, que eu não podia trabalhar, que eu tinha que sair do emprego por causa de ciúmes, né, com ciúmes. Nossa, aquilo virou um inferno na minha vida de novo. Aí tudo bem, aí meu pai ficou sabendo, não sei porque, e aí o meu pai falou pra ele assim: “Ó, vou te falar uma coisa, eu te dou um prazo tal tal para casar com a minha filha, porque se tu não casar, eu vou aí fazer o casamento a força.” Meu pai ameaçou ele, né? Falou “Se você não casar, eu vou aí em 15 dias. Ou você case com ela ou você se considere um homem morto!” Aí eu sei que ele ajeitou lá, ajeitamos, casamos. Casamos só no civil. Pronto, e dali a pouco o menino nasceu e tudo. Quando o meu filho nasceu, aí ele melhorou. Melhorou um pouco só, né? Pelo menos ele não me tratava mais da maneira que ele me tratava antes. Vivemos uma vida mais ou menos, mais ou menos! Mas eu não amava, entendeu? Eu não amava, eu não sentia amor. Eu gostava de estar ali com ele e tudo...

Roberta se sentiu enganada pelo namorado que tramou uma situação inusitada para levá-la a ter relação sexual com ele. É recorrente a referência ao pai. Ele estava ausente da vida de Roberta em São Paulo e as relações entre eles havia se estremecido, mas a força que o pai assume na narrativa nesses eventos da vida sexual, conjugal e da gravidez nos mostra o quanto presente ele estava na vida de Roberta. É um ausente-presente, mesmo tendo ocorrido o distanciamento entre o pai e a filha, ele continua exercendo ou sendo a referência de autoridade, assumindo ou sendo chamado a assumir a posição de protetor e controlar o cumprimento de regras morais nas relações conjugais da filha. Não sabemos se, de fato, esses fatos aconteceram, mas o que nos interessa aqui é a narrativa de Roberta em que enfatiza a posição do pai como personagem que tem a autoridade de arbitrar a relação com o namorado/marido. Se em outros momentos da narrativa, ela protesta contra o controle dos homens, como no caso do tio, dizendo que nem o pai a controlava, nesse momento ele mobiliza a autoridade do pai

para resguardar a sua própria honra e para estabelecer limites e obrigações morais para o marido.

Quando o filho estava com 5 meses, a irmã de 11 anos veio da Paraíba para ajudá-la, o que a possibilitou continuar trabalhando. Quando o filho estava com três anos e meio, ela engravidou da filha. Quando essa estava com dois anos e meio, ela se separa do marido após ter descoberto que estava sendo traída. Ela relata em detalhes como foi descobrindo a traição, como enfrentou o marido e o expulsou de casa.

A relação com o marido era marcada por ciúmes e tentativa de controlar sua vida, como os horários que chegava em casa após o trabalho e com quem estava acompanhada. Mas, ela não aceita esse controle, dizendo que não havia motivo, porque cumpria o papel de boa dona de casa, mantendo a casa sempre muito limpa, e boa mãe, cuidando com esmero do filho e da filha. Tratava-se, portanto, de uma relação marcada pela dominação do marido sobre ela. Ela foi aguentando essa situação, de modo a ir equilibrando o casamento e a vida com os filhos. Essa forma de lidar com a situação da dominação não expressa, necessariamente, submissão, aceitação, mas se trata de uma performance do consentimento e deferência, invisibilizando as relações de poder.

A noção de práticas cotidianas de resistência de Scott (1990, 2013) envolve o *discurso público* e o discurso oculto. O discurso público se expressa em ações, práticas, linguagens, rituais, símbolos que acontecem nas interações sociais cotidianas entre subordinados e detentores do poder. Trata-se de um gerenciamento de aparência, em situações de hierarquias de poder, mesmo que a pessoa que está em posição de subordinação esteja em conflito com aquela que está em posição de dominação, tende a agir a agir com deferência e consentimento (Scott, 1990:4; Menezes, 2002, p.34). O discurso público é uma performance de afirmação, mesmo que dissimulada, das relações de poder. O discurso oculto acontece fora do palco, para além da observação direta de detentores do poder (Scott, 1990:4). Na narrativa de Dona Roberta há indícios de práticas de discurso oculto, como as conversas sobre o comportamento do marido com amigas, a vizinha e continuar trabalhando fora, mesmo à revelia de seu marido.

A performance de consentimento e deferência atinge um ponto de ruptura quando ela não aguenta mais a traição do marido e se investe de coragem, decisão e autoridade e o enfrenta, expulsando-o da casa. Nessa explosão de raiva, o sentimento de humilhação e o silêncio, que havia vivenciado na relação com marido, se converte em contestação, confronto, em uma declaração de guerra. Sem dúvida, a atitude de Roberta poderia gerar ameaças e risco à ela e

aos filhos, no entanto, o desrespeito, a humilhação havia chegado no limite do que poderia suportar e ela luta com as armas possíveis por sua dignidade. Chamamos atenção aqui os significados da “explosão de raiva” na ação de resistência ao marido.

A segunda mulher é Fábiana, nasceu em 30 de junho de 1954, tinha 60 anos, quando foi entrevistada em 12 de março de 2014. Havíamos a entrevistado em 1984 juntamente com seu irmão metalúrgico, por ocasião de nossa pesquisa para a dissertação de mestrado (1985). Conseguimos localizá-la a partir de indicações de outras pessoas que migraram do Sertão da Paraíba na década de 1970 para a região do ABC Paulista. Neste artigo iremos apenas nos fundamentar na entrevista de 2014. Tem dois irmãos por parte de mãe que migraram para o ABC na década de 1970, um que morava em Presidente Prudente e um em Uberlândia. O pai casou três vezes e a mãe casou duas vezes. Os pais eram agricultores na região do Sertão de Cajazeiras, PB, e quando a mãe faleceu, ela tinha 12 anos. Ela migrou em 1974, se passaram 40 anos e nunca havido retornado à sua localidade de origem para visitar irmãos, irmãs, e outros parentes. Lamentava por isso e estava planejando visitar ainda em 2014 ou 2015.

Relata que tinha uma relação afetiva muito boa com a mãe e a avó, no entanto, ressentido pelo tratamento que o pai dela dava aos enteados (a mãe já tinha quatro filhos quando casou com o pai de Fábiana)

“Minha mãe era uma pessoa muito amorosa, como diz o ditado “se a pessoa boa ganhou o céu, aquela ali foi direto” porque minha mãe era muito boa. Eu sou como ela, gosto de ajudar, de fazer caridade, e meu pai não... ele era muito ruim, muito ignorante. Minha vó era uma pessoa boa, ela tinha muitos pés de goiaba, de manga...porque tinha todos os netos, e todos os netos iam. Porque ela morava lá e os filhos todos em volta, meus tios moravam perto da minha vó, tudo em fileira...Quando a gente se reunia era maravilhoso, os netos todos respeitavam ela, cada tio tinha uns 8 filhos, era muito gostoso. Meu pai era um padrasto muito ruim, então minha mãe sofreu muito, muito muito, para uma mãe ver o filho sofrer... Ela ficava entre o marido e os filhos. Ele era muito ignorante, judiou muito dos filhos dela”

Observamos que na narrativa de Fábiana, as mulheres emergem como personagens centrais das suas relações de afeto e de boa convivência, a mãe, a avó e a sogra são pessoas que expressavam afeto, amor, cuidado e generosidade. Isso contrasta com a imagem do pai, considerado não carinhoso, ignorante, rude, especialmente com os enteados, irmãos de Fátima por parte de mãe. A mãe faleceu quando ela era adolescente, tinha 13 anos. Relata que após a

morte da mãe vivia mais na casa de outras pessoas da família e vizinhos, não gostava de ficar na casa dela.

Essas imagens de mãe amorosa e pai ruim é recorrente em narrativas de mulheres das áreas rurais. Em pesquisa que realizamos sobre Memórias de infância de homens e mulheres agricultores na região Agreste da Paraíba no período de 2003-5, as mulheres relatavam com frequência a imagem do pai estúpido e ignorante. Em artigo anterior (Menezes, 2006), analisamos como essa imagem aparece nas narrativas das mulheres como uma expressão da dominação do pai sobre as filhas mulheres quanto a exigência de trabalho no roçado, proibição de sair de casa, ir à festas, não estímulo para estudar, controle sobre modos de se vestir. Se há, de um lado, o controle dos pais sobre a vida, sexualidade, sociabilidade das filhas, de outro, elas relatam formas de resistência cotidiana (Scott, 1990, 2002), como por exemplo, enganar ou mentir para sair e encontrar amigas (os), ir às festas, namoros escondidos, o que permite conquistar algum espaço de liberdade e autonomia sobre suas vidas.

Se as imagens negativas dos pais são recorrentes em memórias de mulheres, é importante dizer que há mulheres do campo e de camadas populares, que apesar da vida econômica difícil, lembram e narram com alegria o carinho e aconchego do pai (Menezes, 2006: 106). O que pensamos ser interessante aqui é observar que ausência de carinho emerge como um eixo narrativo ao longo da entrevista, aparecendo quando ela fala das relações com o pai, os irmãos e o marido. Ela relata que o irmão mais velho, saiu da casa da mãe e do padrasto aos 16 anos, praticamente fugido. Veio para o município de São Caetano do Sul, e foi acolhido por um conhecido da mesma localidade de origem. Tentamos entrevistar esse irmão, mas Fábria nos disse que seria difícil devido à sua dependência de bebida alcoólica. Ela migrou para São Caetano do Sul em 1973, com 18 anos. Na época, tinha sintomas de depressão e o pai achou melhor que ela viesse para se tratar em São Paulo.

Quando ela chegou em São Caetano do Sul morou inicialmente com os irmãos, mas em pouco tempo, foi morar com a família de amigos, a dona da casa se tornou sua sogra.

“Quando eu cheguei minha sogra mandou me buscar prá ficar na casa dela, e depois de 15 dias que eu cheguei na minha sogra eu comecei a namorar o meu marido. A gente namorou por um ano e eu morava na casa da minha sogra, trabalhei na firma e ajudava ela a lavar roupa, limpar a casa porque ela já era de idade e depois a gente casou. Ele trabalhava na Volkswagen e depois ele saiu e depois a Beatriz nasceu, eu sempre tive uma vida muito muito muito sofrida por que ele ganhava pouco, não tinha estabilidade no emprego e eu paguei aluguel por 33 anos “

A relação com a sogra era boa, a considerava quase como uma mãe. Após sete anos da morte do marido, Fábria faz uma reflexão/ balanço sobre seu relacionamento com o marido e sobre si mesmo:

Devido eu ter sofrido muito com a morte do meu marido, eu tive muitos problemas com ele, muitas vezes ele quase saiu de casa. O jeito dele de expressar carinho era fazer comida, lavar louça... e quando ele faleceu eu sofri tanto, pois tive que me virar, ir para banco, mexer com tudo e eu me questiono se o que eu sentia por ele era amor, dependência ou medo de não sobreviver sem ele. Mas hoje depois que ele faleceu eu vejo que eu era muito dependente dele. Ele era uma pessoa maravilhosa, mas eu falo prá minhas filhas não faça isso porque é muito ruim. Quando ele faleceu eu senti falta porque eu não sei fazer um café... tudo era ele. Agora a Beatriz que faz. Eu falava pra ele que ele era um marido e um pai maravilhoso mas me aprontou muito, me deu trabalho. Eu falava pra ele: “você não é o marido que eu queria, o que eu sonhava” porque ele era seco, fechado e eu nunca tive carinho de pai e nem de mãe, não tive porque o meu pai era do jeito que era e minha mãe sofrida, morreu quando eu tinha 12 anos, então eu nunca soube o que é um carinho e eu vim pra cá e os meus irmãos fizeram isso. Faz 7 anos que ele faleceu, ninguém é perfeito... ele era cuidadoso. escrevia nos lanches que ele fazia prá elas lancharem na faculdade: Bom dia Beatriz, boa Tarde Cassia, Graça. Fazia de tudo prá trazer as coisas para dentro de casa. Beijo, abraço ele não dava. Mas fazia de tudo pela família...

O sentimento que não teve carinho seja na sua família de origem quanto no casamento e na relação com os irmãos é um eixo que percorre a sua narrativa ao falar do pai, dos irmãos que não a visitam, e do marido. Ao perguntarmos sobre a relação com os irmãos, ela nos diz:

Acho estranho. Eu acho esquisito porque eu sou muito carente, nunca tive carinho de pai ou de mãe, os irmãos eu cheguei aqui e cada um ficou na sua. Meu marido era uma pessoa maravilhosa mas era uma pessoa fechada, não era carinhoso. Eu cansei de falar isso prá ele: “Eu amo você, eu gosto de você. Mas você não é o marido que eu sonhava, que eu queria”. Porque eu acho que toda mulher sonha em ter um marido maravilhoso, ter uma casa, tem um sonho... eu falava prá ele. Ele era seco, eu acho que devido ao sofrimento...

No casamento, ressentida que o marido não era carinhoso, mas ao mesmo tempo ressalta algumas qualidades, como ser trabalhador, cumpria o papel de provedor, cooperava tarefas domésticas, e era um bom pai, nos seus termos, era “maravilhoso”. No momento da entrevista, havia sete anos que o marido havia morrido, teve que lidar com a ausência dele e cuidar de si mesma, das filhas e das questões domésticas e rotineiras da vida. Tem três filhas, uma casada que estava grávida e 2 solteiras que moram com a mãe. Sente-se uma pessoa feliz hoje porque realizou o sonho de ter uma casa própria, sonho que o marido não conseguiu realizar antes de sua morte.

Algumas reflexões: agência, experiência e resistência

Compreendemos que os conceitos de agência e experiência é um instrumento heurístico para analisar como as mulheres narram sobre suas experiências. Retomando os termos de Thompson e reescrevendo para incluir as questões de gênero, diríamos que as mulheres também retornam como sujeitas, não como sujeitas autônomas, livres, mas como pessoas que experimentam os constrangimentos de suas situações de classe, gênero e outros demarcadores identitários e “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras.

Analisando a ação de Roberta, na perspectiva de Scott (2013, p.37), diríamos que a ação de explosão de raiva, quando não aguentou mais a traição do marido e o expulsou de casa, *lavou sua alma*, deu visibilidade a frustrações, raiva, e outros sentimentos e pensamentos que estavam sendo controlados pela contenção das emoções. No entanto, essa ação de explosão e confronto não expressa consciência em contraste com sua atitude anterior pautada pelo consentimento; ambas são formas diferenciadas em que Roberta lidou com as relações de dominação de gênero. A narrativa sobre o evento é tecida com muitos detalhes, em tom enfático, de modo a convencer não só de sua legitimidade e verdade mas também da coragem e audácia da personagem.

Fábia diferentemente de Roberta não relata ter vivenciado situação de violência, mas lamenta pela falta de carinho do marido. Narra as ambiguidades de sua relação com o marido, era um bom marido - trabalhador, provedor, cooperava com os serviços domésticos, no entanto, não era carinhoso - necessidade que marca sua vida desde a infância. A carência de carinho é um tema que estrutura a narrativa de Fábia, perdeu o amor da mãe aos doze anos, o pai era rude, a relação com os irmãos era de pouco afeto. Ela não relata com muitos detalhes os conflitos com o marido, mas na sua narrativa há indícios que, embora se sentisse dependente do marido, exerceu sua agência ao reivindicar atenção e carinho. Após a morte do marido, tendo que assumir a gestão da casa e família, relata que não sabe se o que sentia pelo marido era amor, dependência ou medo de não sobreviver sem ele. Na condição de viúva, foi conquistando autonomia e ao refletir sobre sua relação com o marido, busca transmitir sua experiência às filhas, aconselhando-as a não se submeterem aos homens.

Bibliografia

- ASSIS, G. O. e. KOSMINSKY, E. V. Gênero e migrações Contemporâneas. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007, p.695-7
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DURHAM, E. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FONTES, P. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.
- GARCIA JR., A. R. **O sul: caminho do roçado - estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. Brasília: Marco Zero/Universidade de Brasília/CNPq, 1989.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990
- LOPES, J.R.B. **Desenvolvimento e mudança social**. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- LOPES, J.R.B. **Sociedade industrial no Brasil**. São Paulo: Corpo e Alma do Brasil, 1971
- MENEZES, M.A. *Entre a região Nordeste e São Paulo: migrantes e trabalho no período de 1950 a 2010*. In: CUTTI, Dirceu; BAPTISTA, Dulce M.R.; PEREIRA, José Carlos; BÓGUS, Lucia M.M. (org.). **Migração, trabalho e cidadania**. São Paulo: EDUC, 2015, p. 163-185
- MENEZES, M.A. *Migrações e Mobilidades: Repensando Teorias, Tipologias e Conceitos* In: **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras.**/ São Paulo, 2014
- MENEZES, M. A.; SILVA, M. S. ; COVER, M. . Migrant Workers in Sugarcane Mills: A Study of Social Networks and Recruitment Intermediaries. In: **Brazil. Agrarian South: Journal of Political Economy**, v. I, p. 161-180, 2012a
- MENEZES, M.A. Família, juventude e migrações. **Revista Antropológicas**, v. 23(1), 2012b, p. 119-143,
- MENEZES, M.A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes. Um estudo de famílias de camponeses – migrantes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/JP/UFPB, 2002.
- MENEZES, M.A. **Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba [migração, família e reprodução da força-de-trabalho]**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural. Campina Grande, Universidade Federal da Paraíba, 1985.

- MARTINS, A. P.V. Possibilidades de diálogo: classe e gênero. In: **História Social** Campinas - SP NO 4/5 135-156 1997/1998 MARTINS, J.M.F. **Marias trabalhadoras e migrantes . dissertação** de Mestrado. Campina Grande, PPGCS/UFCG, 2014
- PISCITELLI, A. **Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico.** *Cadernos Pagu*, (1), p.150-200, 1993
- ROSENTHAL, G. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14 n. 2 p. 227-249, maio./ago. 2014.
- SANTOS, A.M. D. Trajetórias de mulheres agricultoras que se tornaram lideranças políticas: resistências e conquistas. Dis.Mestrado. PPGDR UTFPR, 2019
- SCOTT, J. C. A dominação e a arte da resistência. *Discursos ocultos*. Lisboa: Letra Livre, 2013
- SCOTT, J.C. Formas Cotidianas de resistência. **Raízes**, v. 21, n. 1, p. 10-31,2002.
- SCOTT, J.C. **Domination and the arts of resistance: hidden transcripts.** New Haven and London: Yale University Press: 1990
- SCOTT, J.C. **Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance.** Massachusetts: Yale University: 1985.
- SCOTT, P. Gênero e Geração em contextos rurais: algumas considerações. In: Scott, Parry; Cordeiro, rosineide;. Menezes, Marilda. *Genero e Geração em contextos rurais.* Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010, p.17-35
- SOUZA, T. R. **Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo.** Tese Doutorado), Programa de Pós-Graduação em geografia, UFPE, 2015
- SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. In: **Travessia**, v.13, n. Esp., p.7-32, jan. 2000.
- SOUZA-LOBO, E. *Experiências de mulheres, destinos de gênero (1986).* In: Souza-Lobo, E.A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência. 2ª.ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2011, p.81-93

THIBES, M. Z.; MENEZES, M. A. de; SANTOS JUNIOR, J. Narrativas assimétricas: gênero, família e trabalho no ABC Paulista. *Sociologia & Antropologia*, v. 8, n. 2, p. 519-541, 2018.

THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.